

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Marina Quadrado Salva

**“HOJE É DIA DE...?”:**

Atividades permanentes em turmas de alfabetização

Porto Alegre  
2. Sem. 2013

Marina Quadrado Salva

**“HOJE É DIA DE...?”:**

Atividades permanentes em turmas de alfabetização

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora:  
Profa. Dra. Luciana Piccoli

Porto Alegre  
2. Sem. 2013

## **AGRADEÇO...**

A Deus, por escolher a melhor família que eu poderia pedir e por estar sempre guiando meus passos.

À minha família, por ser sempre mais do que eu preciso e por me amar incondicionalmente, todos os dias. Eu também amo vocês.

Ao meu namorado, por me apoiar e ser meu conselheiro frente às minhas escolhas, tendo sempre as palavras certas para me fazer refletir.

Aos melhores amigos que eu poderia sonhar em ter numa escola, por me proporcionarem momentos felizes e por me ampararem quando foi e quando é preciso.

Às melhores amigas que a Faculdade pôde me proporcionar, por passarem por todos os momentos, trabalhos, provas e conversas junto comigo, sempre com muito bom humor e descontração.

Aos meus colegas de trabalho, pelo incentivo e por me ajudarem a pôr em prática, todos os dias, a teoria que aprendia na Faculdade.

À minha colega de profissão e orientadora, por ter feito o bichinho da alfabetização me morder e ter me encantado com esse universo, além de ter sempre a palavra certa na hora certa.

E a todos aqueles que, de maneira direta ou indireta, torceram para que mais essa fase fosse concluída em minha vida.

Obrigada.

## RESUMO

Esta pesquisa situa-se no campo da educação, com foco na área da alfabetização, e seu principal objetivo é identificar atividades permanentes em planejamentos para turmas de 1º e 2º anos – desenvolvidos por alunas do curso de Pedagogia durante o estágio obrigatório – e analisar seus usos e funções em tais práticas pedagógicas. O referido estágio foi realizado em escolas públicas situadas no município de Porto Alegre no primeiro semestre do ano de 2013. A investigação caracteriza-se por ser um estudo de caso realizado a partir de duas estratégias metodológicas: entrevistas com sete professoras-estagiárias e análise documental dos seus respectivos Diários de Classe. Como aporte teórico, utilizam-se os estudos de Delia Lerner para tratar das atividades permanentes e do papel da leitura e da escrita em sala de aula e de Luciana Piccoli e Patrícia Camini para abordar alfabetização, planejamento e práticas pedagógicas. Após a identificação das atividades permanentes, as mesmas foram agrupadas em quatro eixos de análise, a partir das funções que exerciam: práticas de leitura e produção de textos, atividades de alfabetização inicial, atividades de organização da rotina e atividades de fruição. Tais análises apontam que as atividades permanentes são diversas e possuem múltiplos usos e funções que dependem do contexto em que estão inseridas, isto é, das características da turma, dos objetivos da prática pedagógica, do ambiente da sala de aula, entre outros aspectos.

Palavras-chave: Atividade permanente. Alfabetização. Prática pedagógica.

SALVA, Marina Quadrado. **“Hoje é dia de...?”**: atividades permanentes em turmas de alfabetização – Porto Alegre: UFRGS, 2013. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro Se ligue em você de Luiz Antônio Gasparetto (2012) .....	08
Figura 2 – Excerto do Diário de Classe da professora Cláudia .....	20
Figura 3 – Excerto do Diário de Classe da professora Naira .....	21
Figura 4 – Foto do Mural de Notícias da turma da professora Carolina .....	23
Figura 5 – Foto do Diário da Turma Baby, da professora Carolina .....	25
Figura 6 – Excerto do Diário de Classe da professora Carolina .....	25
Figura 7 – Excerto do Diário da Turma (Baby) da professora Carolina .....	26
Figura 8 – Excerto do Diário do Guardiã da professora Maria Luiza .....	27
Figura 9 – Excerto do Diário do Guardiã da professora Maria Luiza .....	27
Figura 10 – Excerto do Diário de Classe da professora Carolina .....	29
Figura 11 – Foto do Correio Elegante da professora Carolina .....	29
Figura 12 – Excerto do Diário de Classe da professora Patrícia .....	31
Figura 13 – Excertos do Alfabeto Ecológico da professora Maria Luiza .....	34
Figura 14 – Excerto do Diário de Classe da professora Cláudia .....	35
Figura 15 – Excerto do Diário de Classe da professora Naira .....	37
Figura 16 – Foto do Calendário da professora Jenifer .....	39
Figura 17 – Excerto do Diário de Classe da professora Carolina .....	41
Figura 18 – Exemplo do material da Caixa da Novidade da professora Maria Luiza .....	43
Figura 19 – Caixa da Hora da Curiosidade da professora Anita .....	44
Figura 20 – Dados da Alegria da professora Anita .....	45

## SUMÁRIO

<b>1 TECENDO UMA PESQUISA</b> .....	07
<b>2 COSTURANDO ENTRE REFERENCIAIS E SUJEITOS DE PESQUISA</b> .....	12
2.1 ESCOLHENDO LINHAS E AGULHAS .....	13
2.2 PRIMEIROS PONTOS .....	14
<b>3 “HOJE É DIA DE...?”: A COSTURA DAS ATIVIDADES PERMANENTES</b> .....	17
3.1 PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS .....	18
3.1.1 <i>Leitura de Textos</i> .....	18
3.1.2 <i>Produção de Textos</i> .....	24
3.2 ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO INICIAL .....	30
3.3 ATIVIDADES DE ORGANIZAÇÃO DA ROTINA .....	38
3.4 ATIVIDADES DE FRUIÇÃO .....	42
<b>4 TECENDO PERSPECTIVAS E RETOMANDO COSTURAS</b> .....	48
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51
<b>APÊNDICE</b> .....	53

## 1 TECENDO UMA PESQUISA

### ***Tecendo a manhã***

*Um galo sozinho não tece uma manhã;  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro: de um outro galo  
que apanhe o grito que um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros se cruzem  
os fios do sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*João Cabral de Melo Neto*

O uso modificar o trecho acima, da poesia de João Cabral de Melo Neto, trocando a palavra “galo” pela palavra “professor”. Teríamos, então: *Um professor, sozinho, não tece uma manhã; ele precisará sempre de outros professores. (...) e de outros professores que com muitos outros se cruzem os fios do sol de seus gritos de professores, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os professores.*

É a partir dessa perspectiva, que visualiza e alimenta a possibilidade de mudança a partir da coletividade dentro das escolas, que surge a oportunidade de realizar a presente pesquisa, o Trabalho de Conclusão de Curso. Esta pesquisa fez com que a maioria dos acontecimentos que permearam as minhas práticas pedagógicas durante o estágio voltassem à tona. Como prática pedagógica, entendem-se não só as ações do professor em sala de aula, mas aquilo que é capaz de “instrumentalizar as crianças para que se movimentem de forma mais efetiva nas práticas sociais de leitura e de escrita” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 13).

Durante o meu estágio obrigatório, desenvolvido no primeiro semestre de 2013, constatei, na prática, que a presença de atividades permanentes<sup>1</sup> em planejamentos de turmas de alfabetização influenciava de maneira positiva o desenvolvimento dos alunos e da aula planejada. As atividades permanentes são aquelas que “se reiteram de forma sistemática e previsível uma vez por semana, ou por quinzena, durante vários meses ou ao longo de todo o ano escolar” (LERNER,

---

<sup>1</sup> A autora Delia Lerner (2002), referência da presente pesquisa, utiliza, também, a nomenclatura “atividade habitual” para caracterizar as atividades permanentes.

2002, p. 88). As mesmas são “particularmente apropriadas para comunicar certos aspectos do comportamento leitor.” (LERNER, 2002, p. 88).

O estabelecimento de atividades permanentes que ocorriam concomitantemente com o projeto em desenvolvimento possibilitou a organização das crianças, além da expectativa gerada pela ocorrência duradoura dessa modalidade de ensino. No âmbito da alfabetização, as atividades permanentes referentes à aquisição da leitura expressam às crianças a importância da valorização desse momento que ocorre sistematicamente. Como exemplo de uma atividade permanente que ocorreu durante o período em que realizei o estágio, destaco a leitura, que ocorria sempre nos últimos instantes da aula, de um livro que não possuía ligação com o projeto em desenvolvimento. Essa leitura acontecia de forma mediada, ou seja, a professora lia a história para os alunos e, a cada página, conversava sobre o que havia de significativo naquelas palavras. Como foi uma atividade que aconteceu durante vários dias, os alunos já esperavam por ela e, inclusive, solicitavam-na quando notavam que a aula estava finalizando. Para caracterizar essa espera pela história, cito a atitude da aluna Antônia que, sempre após o recreio, buscava o livro ao fundo da sala (no “Cantinho da Leitura”, local destinado aos livros da sala de aula) e me entregava, dizendo-me que já havia preparado o nosso momento de leitura coletiva. A história, intitulada “Se ligue em você”, escrita por Tio Gaspa<sup>2</sup>, foi escolhida com a intenção de explorar com os alunos a importância do ato de ler e, principalmente, estimular as relações amorosas entre as crianças, que vinham envolvendo-se em discussões, desentendimentos durante o período do recreio.

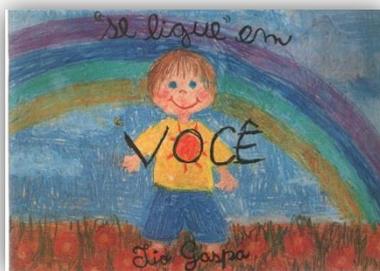


Figura 1 - Capa do livro *Se ligue em você* de Luiz Antonio Gasparetto (2012).

---

<sup>2</sup> O nome do autor do livro *Se ligue em você* é Luiz Antonio Gasparetto. Entretanto, para se aproximar das crianças, o escritor apresenta-se pelo codinome “Tio Gaspa”.

A partir dessa exemplificação do que seria uma atividade permanente, volte-me a apresentar a busca que realizei na tentativa de ampliar os referenciais teóricos acerca da temática. Foi realizada uma revisão de literatura em contextos acadêmicos, nos quais foram visitadas as bases de dados Scielo<sup>3</sup> e LUME<sup>4</sup> e o servidor Google Acadêmico, utilizando-se como palavras-chaves as seguintes expressões: “atividade permanente”, “atividade habitual” e “alfabetização”, individualmente e associadas entre si, da seguinte maneira: “atividade habitual e alfabetização”, e “atividade permanente e alfabetização”, que auxiliaram na busca de materiais relacionados com a temática elencada para pesquisa, ou seja, atividades permanentes. Foram encontrados, somente, documentos sobre o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (BRASIL, 2012a; 2012b), um acordo assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios para garantir que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, isto é, ao final do 3º ano do ensino fundamental, e cujas discussões servem de referencial teórico para a presente pesquisa. Nesses materiais, encontrei menções do conceito de atividade permanente em dois documentos, que tratam especificamente do “Planejamento e organização da rotina na Alfabetização”<sup>5</sup> e do “Planejamento do ensino na perspectiva da diversidade”<sup>6</sup>. Assim, constatou-se que existem poucos estudos acerca desta temática, o que leva a perceber a importância e a necessidade eminente de uma reflexão sobre o tema em questão.

Refletindo sobre as justificativas acima mencionadas, me propus a pesquisar acerca das atividades permanentes que permearam os planejamentos de alfabetização durante o estágio obrigatório das colegas do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizados no primeiro semestre de 2013, a fim de responder às seguintes problemáticas: Como as atividades permanentes operam em planejamentos de alfabetização? Quais seus usos e funções nas práticas pedagógicas das professoras-estagiárias?

---

<sup>3</sup> *Scientific Eletronic Library Online.*

<sup>4</sup> Repositório Digital de Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>5</sup> Disponível em:

<http://www.criciuma.sc.gov.br/site/upload/ckfinder/files/Unidade%2002%20Ano%2003%20VERDE%20%28Completo%29.pdf#page=6>

<sup>6</sup> Disponível em:

<http://www.geadas.com.br/pnaic/images/Pacto/Cadernos/Campo%20Unidade%2002%20-%20Miolo.pdf#page=8>

O principal objetivo da presente pesquisa é, portanto, identificar atividades permanentes em planejamentos para turmas de 1º e 2º anos, desenvolvidos por alunas do curso de Pedagogia durante o estágio obrigatório e analisar seus usos e funções em tais práticas pedagógicas. Esse estágio foi realizado pelas professoras-estagiárias<sup>7</sup> em escolas públicas situadas no município de Porto Alegre no primeiro semestre do ano de 2013. Para explorar as discussões propostas, utilizo referenciais dos campos da Linguagem e da Alfabetização; assim, busco, especificamente, os estudos de Delia Lerner para tratar das atividades permanentes e do papel da leitura e da escrita em sala de aula, de Alfredina Nery que elenca o conceito de atividade permanente e fornece exemplos práticos desse tipo de metodologia e de Luciana Piccoli e Patrícia Camini para tratar dos conceitos de alfabetização, planejamento e práticas pedagógicas.

Elucidados os autores que nortearão a presente pesquisa, ressalto que, durante o período em que realizei o estágio, pude perceber que não era a única a desenvolver atividades permanentes em sala de aula. Mesmo não identificando as atividades realizadas com essa denominação, as colegas de estágio mostravam-me sinais de que também as realizavam em suas turmas. Assim como no trecho mencionado no início desta sessão, isto é, “*Um galo sozinho não tece uma manhã; ele precisará sempre de outros galos.*”, busquei o auxílio das colegas da Pedagogia, pois também necessitava da coletividade e da diversidade das práticas pedagógicas das professoras.

Assim, para concretizar a realização da pesquisa, foram convidadas como participantes as professoras que desenvolveram seus planejamentos em turmas de 1º e 2º anos, pois busco entender como as atividades permanentes operam nessas salas de aula específicas e quais as suas produtividades nas práticas pedagógicas e nos planejamentos.

Dessa maneira, o presente trabalho caracteriza-se como um estudo de caso, o qual utilizará duas ferramentas metodológicas. A primeira ferramenta caracteriza-se por entrevistas com as colegas do curso de Pedagogia, que realizaram suas práticas pedagógicas em turmas de alfabetização. Já a segunda ferramenta metodológica refere-se às análises dos Diários de Classe, nos quais se podem ter acesso aos planejamentos e às reflexões das práticas docentes de cada professora.

---

<sup>7</sup> A partir daqui, utilizarei somente a nomenclatura “professora” para referir-me às professoras-estagiárias.

Foram realizados dois encontros com cada colega que tenha lecionado em turmas de alfabetização durante o estágio de docência<sup>8</sup>.

Feito esse breve esclarecimento, se faz necessário apresentar a estrutura na qual a presente pesquisa está organizada.

A primeira seção caracteriza as motivações pelas quais este trabalho surge e, ainda, a intencionalidade, a justificativa, o problema de pesquisa, o objetivo, e os referenciais que me auxiliaram a desenvolver a presente pesquisa. A segunda seção refere-se às atividades permanentes identificadas e, em conjunto com a explicitação de cada uma, suas análises são apresentadas. Cabe ressaltar que as atividades estão divididas em quatro eixos de análise. Por fim, explicitam-se as considerações finais, retomando aspectos significativos de cada eixo.

---

<sup>8</sup> Comigo, que estagiei em uma turma de 2º ano, totalizam-se dez professoras que realizaram seus estágios no período anteriormente mencionado. Dessas, seis são as participantes da pesquisa, como será explicitado no capítulo a seguir.

## 2 COSTURANDO ENTRE REFERENCIAIS E SUJEITOS DE PESQUISA

*O conhecimento não é algo acabado,  
mas uma construção que se faz e refaz constantemente.*  
(LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.18).

O tema de pesquisa, referente a este Trabalho de Conclusão de Curso, foi sugerido pela professora orientadora do meu estágio, a partir da visualização da recorrência das atividades permanentes em meus planejamentos e da potencialidade delas ao acompanhar minha prática pedagógica, durante um dos encontros de orientação à docência, realizados no primeiro semestre do ano de 2013. Estávamos conversando individualmente sobre o planejamento a ser posto em prática quando, sem perceber no momento, me deparei com uma pesquisa em potencial, cujas intenções se desenvolvem agora, nestes escritos.

“Atividades permanentes: pensa nisso!”, foi o que ouvi da orientadora. E pensei. Pensei tanto, que o tema já estava enraizado aos meus pensamentos e às minhas práticas, o que resultou nesta pesquisa.

Caracterizado como um estudo de caso, visto que é “o estudo de *um caso*, seja ele simples e específico” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.17), a pesquisa tem um interesse próprio, ou seja, busca identificar as atividades permanentes presentes em planejamentos de 1º e 2º anos, desenvolvidos por alunas do curso de Pedagogia durante o estágio obrigatório realizado em escolas públicas situadas no município de Porto Alegre no primeiro semestre do ano de 2013, e analisar seus usos e funções nas práticas pedagógicas dessas professoras. Desse modo, cabe ressaltar que “o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 21), visto que se trata de pessoas específicas, em um lugar e um tempo singulares.

Feito os devidos esclarecimentos acerca do estudo de caso, explicito que a pesquisa utilizou duas ferramentas metodológicas, que serão detalhadas em subcapítulos a seguir. Porém, previamente, se faz necessário mencionar determinadas especificidades acerca do período que caracterizou a docência dos sujeitos envolvidos na pesquisa, isto é, o estágio obrigatório.

## 2.1 ESCOLHENDO LINHAS E AGULHAS

O estágio obrigatório, proposto aos alunos que chegam ao sétimo semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem duração de 300 horas. Nele, cada graduando tem a oportunidade de praticar a docência pelo tempo especificado anteriormente, a partir da orientação de um dos professores designados para tal função.

A escolha das escolas e das turmas na qual os graduandos irão estagiar é diversificada, isto é, enquanto colegas que buscam por conta própria as instituições escolares têm a oportunidade de escolher uma escola e uma turma específicas, outros, que não obtiveram sucesso nessa busca, recebem essas informações das professoras orientadoras e/ou das escolas em que irão realizar o estágio obrigatório. Cada graduando recebe a oportunidade de lecionar pelo período acima mencionado e, em consonância com a docência, deve elaborar um Diário de Classe, que se caracteriza como um documento em que consta o conjunto de planejamentos didático-pedagógicos desenvolvidos para a turma e as reflexões sobre a prática docente que se faziam no decorrer da atuação com os alunos.

Para desenvolver o estudo acerca das atividades permanentes em turmas de alfabetização, foram selecionadas as alunas do Curso de Pedagogia que realizaram seus estágios em turmas de 1º e 2º anos, totalizando, comigo, dez sujeitos, que foram convidados a participarem dessa pesquisa através de uma mensagem enviada por correio eletrônico (Apêndice A). Dos nove convites enviados, obtive resposta de seis, restando comigo, ao final, sete sujeitos de pesquisa.

<b>Aluna do Curso de Pedagogia</b>	<b>Escola em que realizou estágio</b>	<b>Ano em que realizou estágio</b>
Anita	Estadual	1º ano
Carolina	Federal	2º ano
Cláudia	Estadual	2º ano
Jenifer	Federal	1º ano
Maria Luiza	Municipal	2º ano
Naira	Estadual	1º ano
Patrícia	Municipal	2º ano

## 2.2 PRIMEIROS PONTOS

A primeira ferramenta metodológica utilizada para dar conta do objeto de pesquisa foi a entrevista, devido ao caráter de interação que a mesma representa. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 33), “na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”. Foram realizados dois encontros com cada aluna que tenha lecionado em turmas de alfabetização durante o estágio de docência. O primeiro caracterizou-se de uma entrevista sobre a turma, a escola, as crianças, as metodologias utilizadas e os planejamentos aplicados e da solicitação de que elencassem, em seus diários de classe, as atividades que consideraram permanentes em seus planejamentos. No segundo encontro, foi realizada uma nova conversa, que utilizou como plano de fundo os apontamentos feitos nos diários de classe acerca das atividades consideradas permanentes. Os dois encontros foram previamente pensados e estruturados através de roteiros, cada um referindo-se a determinado foco: o primeiro encontro destinava-se ao conhecimento geral das entrevistadas, das escolas e das turmas nas quais foram realizados os estágios docentes; já o segundo encontro tratava especificamente da temática das atividades permanentes presentes nos planejamentos. Ambos os roteiros localizam-se abaixo, para maior esclarecimento e explanação dos focos:

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA – 1º ENCONTRO**

- *Apresentação do tema e do objetivo da pesquisa.*
- *Apresentação e explicitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>9</sup> para ser, posteriormente, assinado pela participante (entregar uma das vias à entrevistada).*

---

#### **Questões principais:**

- *Como chegou à escola? Como foi recebida pela equipe diretiva?*
- *Como chegou à turma de alfabetização? Foi indicação da escola ou teve possibilidade de escolha?*
- *Como eram os alunos (número de crianças, características marcantes*

<sup>9</sup> Este documento encontra-se no Apêndice B.

da turma, participação nas atividades, integração da estagiária com o grupo, etc.)?

- Como era a rotina da turma em sala de aula?
- Desenvolveu algum projeto? Qual? Como surgiu?
- A escola influenciou, de alguma maneira, na elaboração dos planejamentos?
- Como era trabalhar com a turma? Destaque alguns aspectos positivos e alguns limites da prática pedagógica.

- 
- Explicação/retomada do conceito de atividade permanente.
  - Apresentação de exemplos de atividades permanentes presentes em meu planejamento.
  - Solicitação para o próximo encontro: elencar, em seu diário de classe, as atividades que considera permanentes, desenvolvidas com a turma.

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA – 2º ENCONTRO**

- Retomada do conceito de atividade permanente.
- Apresentação de exemplos de atividades permanentes presentes em meu planejamento.
- Visualização das atividades permanentes elencadas no diário de classe.
- Explicação de cada uma das atividades elencadas.

#### **Questões principais (para cada atividade permanente elencada):**

- Qual a origem da atividade?
- Qual era a frequência em que era utilizada?
- Qual era o objetivo/a finalidade de sua aplicação?
- O que os alunos demonstravam quando a atividade ocorria?
- Quais os aspectos positivos da atividade para o planejamento, para a turma e para a rotina de trabalho? E quais os limites?
- Por que ela foi escolhida para ser permanente?

- 
- Solicitação do empréstimo dos diários de classe até o mês de dezembro de 2013.
  - Agradecimento pela participação.
  - Oferta da pesquisa concluída, se a entrevistada demonstrar interesse em lê-la, ao final do semestre.

Sendo assim, ambos os encontros caracterizam a entrevista semiestruturada, visto que a mesma “(...) se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34)

A segunda ferramenta metodológica refere-se à análise dos Diários de Classe – documentos produzidos durante o período de docência –, nos quais se podem observar os planejamentos e as impressões das práticas docentes de cada professora. Ou seja, conforme afirmam Lüdke e André (1986, p. 39), os documentos “não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.”. Tais documentos constituem uma fonte rica e repleta de informações (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) que, na presente pesquisa, serviram de fonte para a apresentação das atividades permanentes realizadas pelas entrevistadas.

Diante das elucidações acerca das escolhas metodológicas da presente pesquisa, cabe finalizar este capítulo com o trecho abaixo, que faz menção à especificidade das pesquisas do contexto escolar, visto que minha pesquisa está explicitamente intrínseca a este ambiente.

Ao retratar o cotidiano escolar em toda a sua riqueza, esse tipo de pesquisa oferece elementos preciosos para uma melhor compreensão do papel da escola e suas relações com outras instituições da sociedade. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.24).

### 3 “HOJE É DIA DE...?”: A COSTURA DAS ATIVIDADES PERMANENTES

Nesta seção, explicitam-se as análises das atividades permanentes elencadas pelos sujeitos de pesquisa durante as entrevistas. É importante retomar o objetivo principal desta, que se caracterizou pela identificação de atividades permanentes em planejamentos para turmas de 1º e 2º anos, desenvolvidos por alunas do curso de Pedagogia durante o estágio obrigatório, e pela análise de seus usos e funções em tais práticas pedagógicas. As atividades permanentes obtidas através desta busca podem ser observadas no quadro abaixo:

Professora	Atividade Permanente
<b>Anita</b>	Dados da Alegria
	O Rei Mandou
	Hora da Curiosidade
<b>Carolina</b>	Diário da Turma
	Mural de Notícias
	Correio Elegante
	Retomada das aprendizagens
<b>Cláudia</b>	Tesouro de Palavras Preciosas
	Contação de Histórias
	Atividades Diferenciadas
<b>Jenifer</b>	Calendário
<b>Maria Luiza</b>	Alfabeto Ecológico
	Diário do Guardião
	Tema Maluco
	Caixa da Novidade
<b>Naira</b>	Escolha dos ajudantes
	Leitura
	Bingo
	Chamada
<b>Patrícia</b>	Jogo do Pare

A partir das falas das entrevistadas, que mencionaram diversas vezes a importância dessas atividades para o desenvolvimento dos seus planejamentos, organizei os exemplos obtidos em quatro eixos: o primeiro, *Práticas de Leitura e Produção de Textos*, compreende as atividades permanentes a partir de textos; o segundo, *Atividades de Alfabetização Inicial*, abarca as atividades voltadas ao início da alfabetização dos alunos; o terceiro, *Atividades de Organização da Rotina*,

abrange as estratégias utilizadas para facilitar o desenvolvimento da rotina das salas de aula; e o quarto, *Atividades de Fruição*, envolve aquelas atividades que, em contextos específicos, se destinavam ao gozo dos alunos.

### 3.1 PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Na escola, leitura e escrita são necessariamente obrigatórias, porque ensinar a ler e escrever é uma responsabilidade inalienável da instituição escolar. (LERNER, 2002, p. 67).

O presente eixo de análise diz respeito às atividades que se caracterizam como práticas de leitura e de produção de textos, presentes nos planejamentos das professoras. Essas práticas foram realizadas em contextos e ambientes diferentes, entretanto, podem-se notar semelhanças entre elas, no que se refere ao eixo em questão.

As atividades permanentes a seguir descritas serviram para preservar o sentido da leitura e da escrita dentro da sala de aula, com o intuito de formar leitores e escritores autônomos e críticos. Ainda de acordo com Delia Lerner,

O necessário é fazer da escola um âmbito onde leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir. (LERNER, 2002, p. 18).

A seguir, apresentam-se as atividades permanentes integrantes do eixo em desenvolvimento. As mesmas foram reunidas pelas semelhanças identificadas durante as entrevistas e as análises dos Diários de Classe e aparecem em dois subeixos: *Leitura de Textos* e *Produção de Textos*.

#### 3.1.1 Leitura de Textos

Ao ler para as crianças, o professor 'ensina' como se faz para ler. (LERNER, 2002, p. 95).

Neste subeixo, serão apresentadas três atividades permanentes, de duas professoras, que possuíam o mesmo foco: a leitura de textos. Segundo Lerner (2002, p. 91), é necessário, na escola, “criar condições que favoreçam a formação de leitores autônomos e críticos e de produtores de textos adequados à situação comunicativa que os torna necessários”. Assim, através da leitura de livros de literatura infantil, as professoras Cláudia e Naira objetivaram formar, em seus alunos, comportamentos leitores.

### **Contação de Histórias**

Para a professora Cláudia, a leitura deve ser encantadora e prazerosa para todos, principalmente às crianças. A partir do interesse pela literatura infantil, a professora passou a ler, todas as semanas, um livro para a turma em que estava estagiando. Essa leitura, permanente durante todo o estágio, tinha o objetivo de despertar nos alunos o prazer pela leitura. Segundo Cláudia,

Muito mais do que ficar letificando atividades e perguntando coisas para eles, era mais para terem o prazer de ouvir uma história do que qualquer outra coisa. Eu não contava uma história de qualquer forma. Eu mudava até o tom da minha voz, para que eles realmente se interessassem pela leitura, por aquilo que eu estava contando, para instigar mesmo.

De acordo com Colomer (2007, p. 36) “a literatura nos prepara para ler melhor todos os discursos sociais”, e as professoras Naira e Cláudia, através de suas contações de histórias, projetavam situações nas quais seus alunos recebiam a oportunidade de refletir, visto que “(...) os textos literários constituem um bom andaime educativo, não apenas para ler e escrever literatura, mas também para aprender os mecanismos do funcionamento linguístico em geral.” (COLOMER, 2007, p. 36).

Abaixo, exemplifica-se (através de um excerto do Diário de Classe<sup>10</sup>) o empenho da professora em planejar esses momentos de leitura, o que caracteriza sua importância.

---

<sup>10</sup> “Diário de Classe”, como já explicitado anteriormente, é o documento construído em consonância com o estágio obrigatório. Nele, constam os planejamentos, os planos diários e as reflexões diárias e semanais de cada estagiária. A presente pesquisa estará, a partir daqui, ilustrada com excertos dos Diários de Classe das professoras.

Depois irei fazer a leitura do livro Kabá Darebu, um livro que conta a história desse menino indígena que mora na Amazônia e seu povo se chama Munduruku. O autor do livro também é do povo Munduruku, seu nome é Daniel Munduruku e é um líder e intelectual indígena. Explicarei aos alunos, antes de iniciar a leitura, essas informações sobre o autor do livro. A leitura será ao ar livre, faremos uma roda no pátio, assim como os indígenas fazem. A roda é muito importante na tradição dos indígenas, pois os mais velhos gostam de reunir os pequenos para contar-lhes suas histórias, a de seu povo, e assim a cultura indígena de cada etnia passa de geração em geração, é uma cultura oral que hoje em dia está sendo também publicada em livros. No livro do Kabá Darebu aparecem vários animais e raízes que são comidas típicas do povo indígena Munduruku, irei mostrar imagens dos animais: Paca, capivara, cutia e de raízes como: mandioca, nosso aipim, açaí, bacaba, batata-doce, cupuaçu e cará.

Figura 2 - Excerto do Diário de Classe da professora Cláudia

A leitura de histórias foi uma atividade permanente na turma da professora Naira, que ocorria sempre no início de cada semana. O objetivo dessa leitura semanal era estimular a oralidade das crianças após a contação da história.

Eu queria ler essa história e conversar com eles a respeito dela, observar que inferências faziam a respeito da história. Então, a partir dessas leituras, eu queria estimular a oralidade das crianças.

A professora ressaltou, em entrevista, que, nas primeiras leituras, a turma estranhou esse momento, mostrando-se inquieta. Somente após algumas contações de histórias é que os alunos passaram a interagir mais com a leitura e com a professora.

Eu acho que a leitura, pela parte do adulto, sempre vai ser algo interessante para a criança, para estimular a oralidade e, justamente, para ela conhecer outros gêneros literários. Eu contava história, poema... daí dependia de semana para semana.

Acerca da leitura de histórias a partir da escolha da professora, Delia Lerner (2002) afirma que esse tipo de atividade permanente serve para “(...) favorecer a aproximação das crianças a textos que não abordariam por si mesmas por causa de sua extensão.” (LERNER, 2002, p. 88).

Percebi que nesta história que contei ("Guilherme Augusto Araújo Fernandes"), os alunos fizeram um silêncio que não haviam feito em outras vezes que li algo para eles; não digo apenas que gostaram deste livro, mas também que estão "treinando" uma postura de ouvinte, a qual facilita meu trabalho e a organização da atividade. Os alunos gostaram da história, pois ficaram não apenas em silêncio, mas prestando a atenção ao que era lido, olhando as imagens que apareciam, tentando entender melhor a história. O momento da conversa sobre as memórias também foi um dos pontos altos da semana; alguns dizendo que memória é o que a gente lembra, outros me diziam que memória é o que está dentro da cabeça da gente.

Figura 3 - Excerto do Diário de Classe da professora Naira

Tendo em vista a citação que iniciou o presente eixo, que diz respeito aos ensinamentos do comportamento leitor, através do professor para a criança, faz-se necessário esclarecer o ponto em comum entre as duas práticas acima descritas. Ambas as professoras, Naira e Cláudia, a partir da permanência da leitura em sala de aula, objetivavam que seus alunos, além do prazer, aprendessem um determinado comportamento: o comportamento leitor.

Conforme afirmam Piccoli e Camini (2012, p. 64), "Faz diferença sim – embora não se possa afirmar que será determinante na vida dos sujeitos – ensinar comportamentos leitores desde o início da alfabetização de uma forma ou de outra.". Era exatamente isso que as professoras Naira e Cláudia pretendiam, visto que ambas salientaram a relevância que esse momento assumiu dentro de suas salas de aulas.

Através de leituras semanais, os alunos passaram a compreender melhor as histórias, mesmo aqueles alunos que ainda não estavam lendo. Embora muitos afirmem que a criança que não lê não consegue atribuir significado ao texto, as autoras acima citadas ressaltam:

Não é porque a criança ainda não consegue ler o texto em sua totalidade que ela não é capaz de produzir sentido para ele, baseada em alguns indícios que ela recolheu no contato com o texto. (...) O sentido, isto sim, não reside no texto; ele precisa do leitor para produzir significações, as quais, para adquirirem coerência, necessitam objetivamente que se vá além do que está dito, reconhecendo, por exemplo, a função social de cada tipo de texto. (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 64-65).

Se faz necessário mencionar que todos os livros pelas professoras eram escolhidos anteriormente à aula, e, muitas vezes, eram lidos além do intuito de

construir o comportamento leitor; as professoras almejavam, ainda, resolver conflitos que ocorriam em sala de aula, entre e com os alunos. Desse modo, cabe observar que

O livro infantil, assim, apresenta significados em vários níveis diferentes, enriquecendo a existência da criança. Através da leitura, ela vê representados no texto, simbolicamente, conflitos que enfrenta no dia-a-dia e encontra soluções porque a história traz um final feliz. (AGUIAR, 2001, p. 18).

### **Mural de Notícias**

Essa atividade, que surgiu a partir da urgência de trazer o mundo que está fora da escola para dentro da mesma, aconteceu duas vezes por mês na turma em que a professora Carolina realizou o seu estágio. Ela tinha como objetivo que os alunos se mantivessem atualizados e, ainda, que se apropriassem do gênero textual (notícia) e do suporte de texto (jornal). A atividade consistia na busca e na apresentação de notícias de jornais pelos alunos e, durante essa apresentação, eram realizados questionamentos a partir da professora, a fim de que o gênero e o portador de texto se tornassem objeto de conhecimento para a turma.

Essa atividade se ancora na necessidade de trazer, para dentro da sala de aula, as realidades dos alunos que ali frequentam. Assim,

As relações entre os usos cotidianos e os usos escolares podem representar aproximações, distanciamentos ou até rupturas entre a socialização familiar e a cultura escolar. Assim, se não queremos uma escola apartada do mundo, indiferente às práticas sociais, precisamos ajudar as crianças a se interrogarem sobre as funções sociais da escrita, promovendo a ampliação dessas significações e possibilitando a abertura aos múltiplos escritos presentes no entorno em que vivem. (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 92).

Quando questionada em entrevista acerca dos aspectos positivos e negativos, a professora explanou sobre diferentes momentos do desenvolver da atividade, que se estendeu durante todo o período de docência:

Aspecto negativo era que no início eles não compreendiam muito bem a proposta. Às vezes, eles pegavam só o título da notícia, ou só a imagem. Então eu tive que trabalhar muito isso de que a notícia tem vários marcadores, e ela é composta por vários elementos, não só o título. Mas como aspectos positivos foram que, realmente, nas últimas vezes que a gente compôs o mural, as notícias estavam vindo completas.

Acerca da atividade permanente caracterizada como Mural de Notícias, Delia Lerner (2002) ressalta que essa é uma “(...) atividade dirigida a formar leitores críticos dos meios de comunicação.” (LERNER, 2002, p.88). Abaixo, pode-se observar uma imagem referente ao Mural de Notícias confeccionado na respectiva turma.



Figura 4 - Foto do Mural de Notícias da turma da professora Carolina.

Conforme já mencionado anteriormente, as produções de textos (especificamente da professora Carolina) pautaram-se pela utilização de diferentes gêneros textuais. Um deles, acima descrito, caracteriza-se pela notícia e, como afirmam Piccoli e Camini (2012, p. 91), “a escrita não é, portanto, sempre utilizada pelas mesmas razões. As práticas de linguagem são práticas sociais, culturalmente variadas.”.

O Mural de Notícias objetivava que seus alunos mantivessem-se atualizados, enraizados na cultura da qual fazem parte. Desse modo, a professora Carolina trouxe para dentro da escola um gênero que é, mais frequentemente, utilizado fora dela: a notícia. Entretanto, cabe salientar que, em determinadas realidades sociais, a presença do gênero escolhido pela professora Carolina, isto é, a notícia, pode não ser frequente. Sendo assim, “(...) cabe à escola oportunizar situações de uso social da leitura e da escrita para que as crianças que não as vivenciam em casa ou em outros ambientes possam experimentar tais situações e compreender os propósitos do ler e do escrever.” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 92).

### 3.1.2 Produção de Textos

No subeixo em questão, apresentam-se três atividades permanentes, agrupadas por terem em comum o objetivo de produzirem textos escritos. As mesmas foram realizadas pelas professoras durante períodos de tempo diferentes. Entretanto, todas se destacam por seu caráter de produção escrita, ainda que abordassem diferentes gêneros textuais. Ressalta-se que:

Escrever é uma tarefa difícil para os adultos – mesmo para aqueles que o fazem habitualmente -; no entanto, espera-se que as crianças escrevam de forma rápida e fluente... (LERNER, 2002, p.33).

#### Diário da Turma

O Diário da Turma surgiu a partir do interesse da professora em fazer com que seus alunos experimentassem a posição de autoria em um texto. Sendo assim, todos os alunos tiveram a oportunidade de levar o Diário para as suas casas para, a partir daí, relatarem acerca do seu dia, das suas ações e dos seus sentimentos. Essa atividade ocorria todas as semanas, de segunda a quinta-feira, pois a professora não desejava que o aluno que levasse o Diário na sexta-feira ficasse mais tempo com o material, o que poderia acarretar em desentendimentos entre e com os alunos. O Diário da Turma em questão possuía um nome, escolhido em uma votação (Baby), e constituía-se por um caderno, com capa de urso de pelúcia. Seu objetivo era que os alunos pudessem expressar suas vivências e, assim, construir um registro histórico do momento em que estavam situados.



Figura 5 - Foto do Diário da Turma Baby, da professora Carolina

Um dos aspectos mais importantes dessa atividade era, segundo a professora, a participação das famílias, o que fica claro no seguinte excerto da entrevista, que reflete a satisfação de todos os envolvidos no processo da atividade:

Foi onde eu vi o prazer dos alunos e, também, fiquei muito satisfeita, porque não eram só eles que estavam envolvidos. Eram os pais que também às vezes escreviam.

É importante destacar, ainda, a relevância de “Baby” nesta turma, tornando-se um companheiro para os alunos, o que pode ser observado no excerto abaixo, retirado do Diário de Classe da professora.

Achei sensacional que a turma quis levar o Baby ao teatro e não só isso, um dos alunos o ficou segurando fora da sacola para que assistisse ao espetáculo. São essas pequenas atitudes deles que dão a gratificação por todo o tempo e esmero dedicado ao trabalho. Cada dia mais eles vêm se esforçando para fazer uma escrita cada vez mais extensa (e com conteúdo) no diário, fazem desenhos lindos, colam figuras... Esperam ansiosos que seus nomes sejam sorteados e fazem uma festa quando isso acontece. Cada escrita do diário é lida na frente da turma toda com muita atenção, os desenhos são mostrados para todos, que olham com interesse.

Figura 6 - Excerto do Diário de Classe da professora Carolina

Acerca das interações entre os alunos e o diário, pode-se ressaltar que “as crianças reelaboram simultaneamente o sistema de escrita e a ‘linguagem que se escreve’” (LERNER, 2002, p. 40). Assim, um dos escritos que explicita essas

relações pode ser observado no excerto abaixo, no qual o aluno conta o que fez com Baby durante o tempo em que ficou como responsável do caderno.

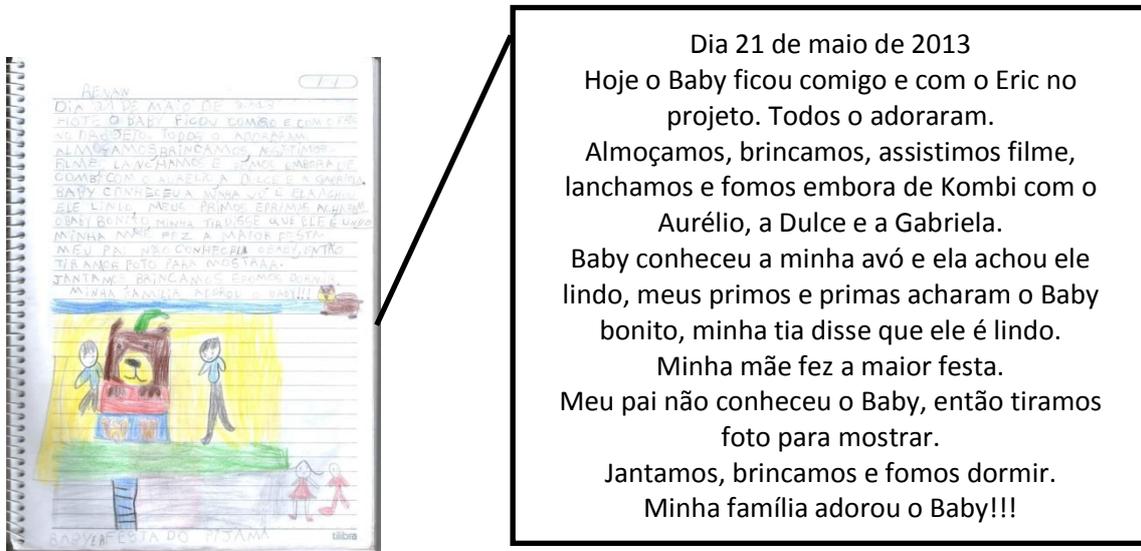


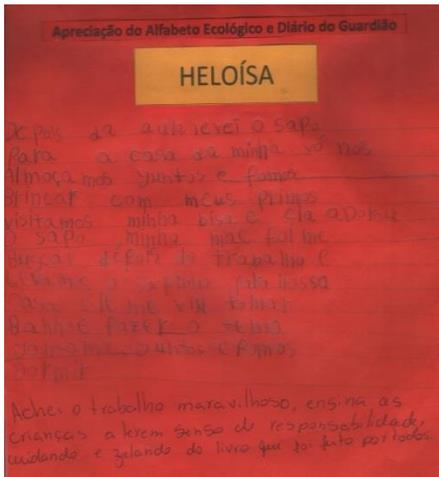
Figura 7 - Excerto do Diário da Turma (Baby) da professora Carolina

### Diário do Guardião

Após a finalização do Alfabeto Ecológico<sup>11</sup>, a ideia era que os alunos levassem o livro do Alfabeto para casa, a fim de que as famílias apreciassem o trabalho desenvolvido. Entretanto, essa atividade já estava desgastada e, para suscitar nos alunos, novamente, a vontade de interagir com o Alfabeto, a professora Maria Luiza instituiu o Guardiã do Alfabeto Ecológico. Esse guardião, que era um sapo de pelúcia, protegeria o Alfabeto nas casas das crianças e observaria o que a família faz para ajudar o Meio Ambiente em cada residência.

Antes de aparecer em sala, o Guardiã enviou cartas para as crianças, para estimular as inferências sobre quem ele seria. Após seu surgimento, foi realizado um sorteio diário, no qual a criança sorteada levaria o Guardiã e o Alfabeto Ecológico e o traria no dia seguinte, com as devidas escritas, tanto suas quanto uma apreciação das famílias. Abaixo, podem-se observar duas escritas do Diário, nas quais os alunos destacam o que fizeram com o sapo e as famílias opinam acerca do desenvolvimento do trabalho.

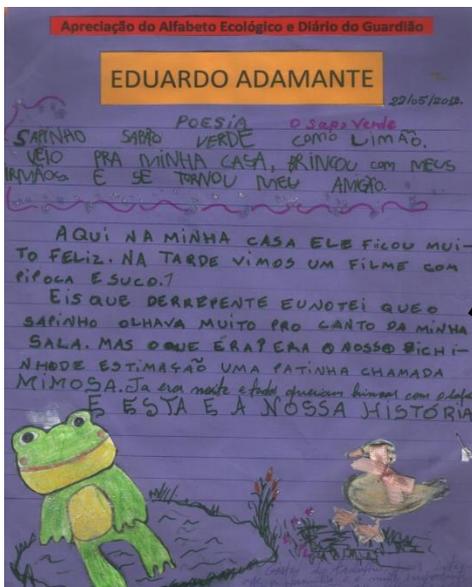
<sup>11</sup> Atividade Permanente da Professora Maria Luiza, a qual está descrita à frente, no eixo “Atividades de Alfabetização Inicial”.



Depois da aula levei o sapo para a casa da minha vó. Nós almoçamos juntos e fomos brincar com meus primos. Visitamos minha bisá e ela adorou o sapo. Minha mãe foi me buscar depois do trabalho e levamos o sapinho para nossa casa. Ele me viu tomar banho e fazer o tema. Jantamos juntos e fomos dormir.

Achei o trabalho maravilhoso, ensina as crianças a terem senso de responsabilidade, cuidando e zelando do livro que foi feito por todos.

Figura 8 - Excerto do Diário do Guardião da professora Maria Luiza



#### POESIA

##### O Sapo Verde

Sapinho, Sapão, verde como limão.  
Veio para minha casa, brincou com meus irmãos  
e se tornou meu amigão.

Aqui na minha casa ele ficou muito feliz. Na tarde vimos um filme com pipoca e suco. Eis que de repente eu notei que o sapinho olhava muito pro canto da minha sala. Mas o que era? Ela o nosso bichinho de estimação, uma patinha chamada Mimosa. Já era noite e todos apreciaram brincar com o sapo. E esta é a nossa história.

Gostei do trabalho, pois interage a família e é muito importante esta união.

Figura 9 - Excerto do Diário do Guardião da professora Maria Luiza

A partir dessas atividades permanentes, faz-se necessário ressaltar a importância da presença das produções de textos no contexto da sala de aula. Essas produções, para as professoras Carolina e Maria Luiza, valorizaram a postura de autoria das crianças, fazendo com que elas dissertassem acerca dos seus dias e das visitas que receberam em casa (do Baby e do Guardião, respectivamente).

A partir dessa autoria, salienta-se que “(...) toda a produção depende de condições, instrumentos e agentes de produção, e escrever é um gesto próprio, que implica necessariamente os sujeitos do discurso.” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 69). Como as escritas eram especificamente individuais, o gênero textual em questão caracteriza-se como o diário. Esse trabalho auxiliou no desenvolvimento das práticas pedagógicas das professoras e, ainda, no envolvimento dos diários com as famílias dos alunos, visto que “(...) não basta escrever; é necessário participar de interações relevantes em torno da escrita em produção.” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 69).

Essas professoras, embora em contextos diferentes, encontraram meios de organizar experiências escolares para que, a partir disso, os alunos desenvolvessem suas hipóteses de escrita. De acordo com Piccoli e Camini (2012, p.101),

Alfabetizar-se está relacionado a desenvolver habilidades de raciocínio sobre a língua para comunicar-se pela leitura e escrita, utilizando os gêneros textuais que circulam em cada contexto cultural.

Nota-se que as produções escritas permanentes realizadas pelos alunos da professora Carolina não somente relacionavam-se com o gênero em questão, isto é, o diário. Como se exemplifica a seguir, as produções propostas pela professora Carolina também valorizaram o gênero textual “carta”.

### **Correio Elegante**

Essa atividade, que ocorreu duas vezes por mês, surgiu a partir do Projeto Didático-Pedagógico semestral da professora Carolina, que era baseado na convivência entre e com os alunos. No Correio Elegante, os alunos tiveram a oportunidade de fortalecer e, até, estabelecer relações entre os colegas, a partir do envio de cartas aos companheiros de sala de aula. Acompanhado de um “modo de usar”, o Correio Elegante trouxe para a turma a chance de escrever aquilo que não se consegue dizer, como ressalta a professora Carolina, quando diz que essa atividade foi utilizada:

(...) para eles aprenderem, talvez, a escrever o que eles não teriam coragem de falar.
----------------------------------------------------------------------------------------

É importante salientar que “à escola foi dada a incumbência de exercitar o uso dos gêneros, tanto na leitura quanto na produção, e isso significa privilegiar o estudo

do texto na sala de aula” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 94), o que foi realizado com êxito na atividade em questão.

No Diário de Classe da professora, observam-se os objetivos e as funções dessa atividade, que se mostrou imprescindível para o fortalecimento das relações da turma:

No correio elegante, buscamos incentivar a produção escrita e artística dos alunos, bem como, primordialmente, a comunicação entre eles, para que entendam que a língua tem esse sentido de comunicar-se com o outro, sendo entendido e correspondido por ele. Nessa atividade buscamos fazer coletivamente um “modo de usar”, para incentivar condutas respeitadas e facilitadoras para a convivência em grupo, ao corresponder-se com os colegas e professoras.

Figura 10 - Excerto do Diário de Classe da professora Carolina

Acerca da utilização do Correio Elegante e do seu “modo de usar”, pode-se afirmar que os mesmos serviram para transmitir aos alunos a importância da escrita, principalmente da escrita direcionada a um determinado interlocutor. Ainda, é importante ressaltar que a professora Carolina explicitou aos alunos as diferentes possibilidades de uso dessas escritas, como sugerem as autoras:

Pensar sobre a funcionalidade da escrita significa pensar nos usos da leitura e da escrita nas variadas esferas pelas quais circulamos, ou seja: para que lemos e para que escrevemos. (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 91).



Figura 11 - Foto do Correio Elegante da professora Carolina

A professora Carolina utilizou-se de diferentes gêneros textuais para construir sua prática pedagógica e, entre eles, ressalta-se, agora, o trabalho com o Correio Elegante, o qual utilizava o gênero textual “carta” com os alunos.

Considerando que “a comunicação é feita por meio de diferentes gêneros orais e escritos” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 93), é necessário utilizar esses gêneros com eficácia e adequação em relação às diversas práticas enunciativas estabelecidas na nossa sociedade. Sendo assim, a professora Carolina notou a importância de se explorar nas salas de aula, distintos gêneros, numa abordagem que deve estar intrinsecamente relacionada aos usos sociais da língua, como fez quando se utilizou das cartas.

### 3.2 ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO INICIAL

Neste eixo de análise, apresentam-se as atividades permanentes relacionadas ao início da alfabetização dos alunos das professoras entrevistadas. Essas atividades objetivavam que as crianças pudessem refletir especificamente sobre a escrita de palavras e sobre o uso das letras do alfabeto.

#### **Jogo do PARE**

O Jogo do PARE, estratégia utilizada pela professora Patrícia para reforçar as palavras exploradas em sala de aula, ocorria uma vez por semana, e consistia em uma caixa com diversas fichas de palavras, mais a palavra PARE. A professora Patrícia utilizou, no jogo, as palavras trabalhadas durante a semana e cada aluno tinha a oportunidade de ir até a frente da sala e ir sorteando as palavras. A cada palavra sorteada, a criança deveria lê-la para os colegas, até que encontrasse a palavra PARE: aí seria a vez do próximo colega.

Era um momento especial para eles, porque ficavam muito felizes de irem lá para frente. Geralmente eles não queriam participar das atividades, tinham vergonha, mas nesse momento não porque, como eram as palavras da semana, conheciam bem e reconheciam, às vezes, pela primeira letra.

O trabalho com palavras é imprescindível dentro de uma sala de aula. A partir dele, professores e professoras objetivam que seus alunos aprendam diversos conhecimentos. Nota-se a importância, assim, de um trabalho específico acerca de palavras e das partes dessas palavras, visto que, conforme afirma Artur Moraes:

A escrita alfabética não é um mero código de transcrição da fala, como ainda concebem alguns. Ela é um objeto de conhecimento em si, um sistema notacional, e seu aprendizado requer que o estudante foque palavras e partes de palavras. (MORAIS, 2012, p. 123).

Além do entusiasmo natural pelo jogo, a professora Patrícia conta que seus alunos também competiam uns com os outros vendo qual deles tinha lido mais palavras, o que tornou a atividade mais estimuladora e esperada pelas crianças.

O momento do jogo do pare foi de grande participação e colaboração. Pedi que os alunos viessem até o quadro para sortear as palavras, pois como a sala é pequena não é possível fazer roda. Os alunos se sentiram importantes de vir para frente de toda turma e poder falar. Conversei com eles sobre a postura de plateia, e foi bem recebida a ideia.

Figura 12 - Excerto do Diário de Classe da professora Patrícia

De acordo com a professora Patrícia, essa atividade oportunizou que muitos alunos, tímidos e receosos de expor suas opiniões, pudessem, aos poucos, aprender a se integrarem à turma. Ainda, possibilitou avanço significativo daqueles alunos que estavam no início de suas hipóteses de leitura e escrita, visto que o trabalho feito com palavras estimulou a apropriação do alfabeto. Assim,

Para compreender o alfabeto e aprender suas convenções, o principiante precisa “partir” o signo linguístico, esquecer, provisoriamente, o significante (oral e escrito). Só observando os significantes oral e escrito (a palavra escrita como sequência de letras, a sequência de sons pronunciados quando falamos a palavra), para poder analisar seus “pedaços” sonoros e gráficos, é que o aprendiz vai poder se apropriar da escrita alfabética. (MORAIS, 2012, p. 123).

### **Tesouro de Palavras Preciosas**

O Tesouro de Palavras Preciosas foi utilizado pela professora Cláudia, que desejava que seus alunos memorizassem as palavras exploradas em sala de aula.

Sendo assim, a professora disponibilizou a cada criança um envelope (decorado individualmente por elas mesmas) e este seria o local em que a turma guardaria as palavras preciosas. Segundo a professora, cada palavra escolhida tinha um significado especial para os integrantes daquela sala de aula:

Eu fiz essa atividade de coleção de palavras, que foi sendo construída, foi um processo. As escolhas das palavras tinham que ser significativas. Tinham que ser palavras que iriam marcá-los, que eles saberiam identificar a letra inicial, a sílaba inicial e até memorizar toda a palavra ao longo do estágio. E a proposta era exatamente isso: conforme a gente ia acrescentando essas palavras, eu fui trabalhando com elas nas atividades em sala de aula.

Um dos focos dessa atividade é a consciência fonêmica, cujo trabalho se dá no reconhecimento e na manipulação dos fonemas, que são as menores unidades da língua. Cabe ressaltar que:

Um falante nativo da língua não se depara com a necessidade de fazer uma análise fonema a fonema a não ser em situações de escrita, ou seja, há a necessidade de intervenção didática para que a criança perceba tais segmentos sonoros. (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 115).

A cada semana, uma palavra era escolhida (às vezes pela professora, outras vezes através de votação com os alunos) para ser trabalhada com a turma. Identificava-se a letra inicial, a letra final, as sílabas, até ocorrer a memorização da palavra inteira. E, a cada nova palavra inserida no envelope das Palavras Preciosas, todas as outras já estudadas eram revisadas, num exercício específico de memorização e reconhecimento. Ainda, ressaltam-se as intervenções da professora, que auxiliavam os alunos no reconhecimento das palavras e das partes das mesmas. É importante, ainda, observar o caráter de individualidade dos envelopes, o que caracterizou um maior contato e admiração das palavras pelos alunos:

A cada semana eu levava o envelope, eles escreviam a palavra depois que a gente discutia e, depois que a gente via qual seria a palavra preciosa, eles escreviam com a letra deles e guardavam no envelope. Cada um tinha o seu envelope, para guardar a sua palavra preciosa, com a sua letra, do seu jeito.

As atividades permanentes acima descritas possuem, em comum, o objetivo de que a criança reconhecesse, isto é, lesse globalmente as palavras significativas, que faziam parte do contexto de sala de aula. Essas palavras, conhecidas de memória, se tornam estáveis, visto que só foram renovadas no repertório de palavras após serem minuciosamente estudadas pelos alunos e pela professora.

A permanência desse tipo de atividade de sistematização foi um forte elemento que auxiliou, segundo as professoras, a alfabetização das crianças. Isso porque eram palavras que davam segurança aos alunos e, como já haviam sido estudadas anteriormente, eram reconhecidas (e lidas) facilmente. Segundo Alfredina Nery (2007) esse tipo de atividades são

(...) destinadas à sistematização de conhecimentos das crianças ao fixarem conteúdos que estão sendo trabalhados. Em relação à alfabetização, são os conteúdos relativos à base alfabética da língua ou ainda às convenções da escrita ou aos conhecimentos textuais. (NERY, 2007, p. 124).

### **Alfabeto Ecológico**

O Alfabeto Ecológico foi uma estratégia utilizada pela professora Maria Luiza, a fim de que alguns de seus alunos retomassem o alfabeto e de que outros, mais avançados na alfabetização, aumentassem seu repertório de palavras. Ainda, a professora objetivava que seus alunos aprendessem mais sobre o Meio Ambiente. O Alfabeto foi construído coletivamente, com a participação dos alunos, das famílias e das professoras, num livro com páginas vazias. A cada semana, eram enviadas solicitações de busca de figuras, relacionadas ao Meio Ambiente, cujas palavras iniciassem com determinadas letras, sendo a escrita do nome dessa figura parte do Tema de Casa. No dia marcado para a entrega, cada criança apresentava sua contribuição e colava no Livro do Alfabeto Ecológico. Por exemplo: se uma criança sorteasse a letra F, poderia trazer as imagens de Formigas, Folhas, Flores, Florestas, entre outras, relacionadas com o Meio Ambiente.

Construir um alfabeto, com o intuito de fortalecer conhecimentos acerca deste, demonstrou ser uma estratégia que auxiliou no processo de alfabetização de alunos que estavam em níveis iniciais da alfabetização, visto que algumas crianças não reconheciam as letras e nem a ordem das mesmas no alfabeto. Já para aqueles alunos que estavam nos níveis finais da alfabetização, o trabalho com o alfabeto possibilitou o aumento do repertório de palavras significativas. Destaca-se, a partir do excerto abaixo, a importância de se trabalhar com alfabetos desde o início da escolarização dos alunos.

É necessário, ao longo do processo de alfabetização, que a criança faça o reconhecimento das letras, tanto nas suas formas como na posição arbitrária em que as formas devem ser consideradas. (GROSSI, 1990, p. 70).

Para uma melhor organização da atividade, a cada dia de Tema do Alfabeto Ecológico eram solicitadas três letras e, através de um sorteio, cada aluno recebia apenas uma das letras para pesquisar. Essa atividade ocorria duas vezes por semana e, todos os dias em que as apresentações das palavras e imagens eram realizadas, a professora escrevia no quadro uma lista com todas as palavras do dia, a fim de que outras atividades fossem realizadas com essas palavras.



Figura 13 - Excertos do Alfabeto Ecológico da professora Maria Luiza

Promover a consciência fonológica num quadro mais amplo de atividades de reflexão sobre as palavras e sobre suas partes orais e escritas nos parece uma solução muito mais inteligente, adequada e prazerosa, para ajudarmos nossas crianças a “desvendarem a esfinge” e se apropriarem do alfabeto. (MORAIS, 2012, p. 107).

Como se afirma no trecho acima, a atividade permanente da professora Maria Luiza acerca do Alfabeto Ecológico foi de extrema relevância para que sua turma pudesse retomar as letras do alfabeto, entender sua ordem e, ainda, ampliar seu repertório de palavras.

### **Atividades Diferenciadas**

Antes de explicitar o que é essa metodologia de trabalho, que se fez presente nos planejamentos da professora Cláudia, é necessário que se faça um breve esclarecimento sobre a dinâmica dessa professora em sala de aula. Por ter, em sala, um número significativo de alunos em hipóteses bem distintas sobre o sistema de escrita, a professora decidiu dividi-los em dois grupos: um grupo, nomeado “Alunos em Processo de Alfabetização” ou “AP”, que compreendia os alunos que

apresentavam hipóteses pré-silábicas e silábicas de escrita; e outro grupo, nomeado “Alunos Alfabetizados” ou “A”, que compreendia os alunos que apresentavam hipóteses silábico-alfabéticas e alfabéticas.

A partir dessa divisão, a professora Cláudia passou a elaborar atividades diferenciadas para seus alunos, que ocorriam de três a quatro vezes por semana, e que, segundo ela, serviam para “facilitar a aprendizagem”. Assim,

(...) é necessário ressaltar que o trabalho normal numa classe de alunos costuma produzir níveis diferentes de desenvolvimento na aquisição da leitura e da escrita, o que vai exigir uma diversificação de certas atividades em sala de aula. (GROSSI, 1990, p. 69).

É importante observar que, em entrevista, a professora deixou claro como se deu a explicação acerca dessa metodologia. Ela relata que disse para os alunos a seguinte informação:

“A profe vai distribuir agora uma atividade para vocês. Não são iguais. Tem uns que vão fazer uma atividade, e outros que vão fazer outra. Mas é assim mesmo, não se preocupem.”. Então eu não dava muita ênfase, eu agi naturalmente, e eles também agiram. Eles sabiam. Na verdade, eles sabiam que era uma atividade para aqueles que estavam com mais dificuldades, e eles não reclamavam.

Um exemplo de atividade diferenciada pode ser observado abaixo, em um excerto do Diário de Classe da professora Cláudia, que se refere a uma atividade com o mesmo grupo de palavras para todos os alunos, em que o nível de dificuldade varia:

Após irei colocar no quadro uma atividade para os alunos alfabetizados de achar a palavra intrometida: Cutia/ mandioca/peixe - Batata-doce/mandioca/paca - Milho/ capivara/ macaco. Para os alunos em processo de alfabetização irei distribuir uma folha avulsa de ligar a palavra a sílaba inicial. Após eles deverão pintar as vogais das palavras.

Figura 14 - Excerto do Diário de Classe da professora Cláudia

Esse tipo de atividade, permanente na sala de aula da professora Cláudia, possibilitou a adaptação de diferentes metodologias para os alunos. Entretanto, cabe ressaltar que não é somente com atividades diferenciadas que se pode alcançar o objetivo da professora, conforme ressaltam Piccoli e Camini (2012, p. 46), quando sustentam que

(...) uma mesma atividade pode adaptar-se a diferentes níveis de conceitualização da leitura e da escrita pela intervenção da professora. Essa intervenção será central para aproximar diferentes raciocínios das crianças de uma turma sobre um mesmo problema, pois a professora pode apresentar de diferentes formas a atividade, desafiando e chamando a atenção para diferentes aspectos em que cada criança pode aproveitar melhor aquela atividade, de acordo com a aposta da professora.

## Chamada

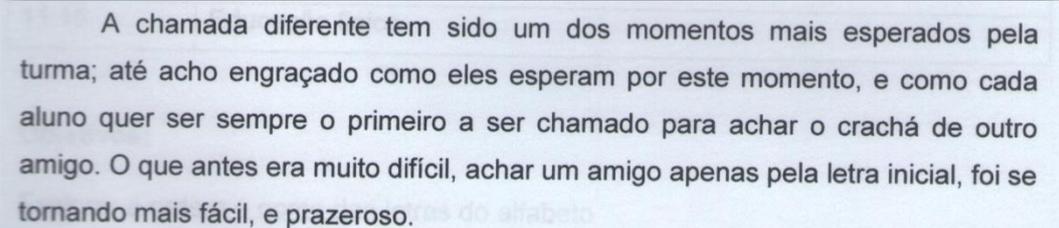
Eu queria fazer que o primeiro momento da aula, que é o horário nobre, que a primeira atividade já fosse, de cara, interessante. E eu queria usar a minha chamada como um atrativo para as crianças. Já que tem que fazer a chamada todos os dias, então que seja algo interessante.

Assim, a partir da urgência e da necessidade de estimular os alunos desde os primeiros momentos em sala de aula, a professora Naira iniciou o uso da Chamada com Crachás. Cada aluno recebeu um pedaço de papel para escrever seu nome e, ao lado, o número de letras que esse nome continha. No início de todas as aulas, a professora distribuía os crachás na sua mesa e, a cada dia, fazia desafios diferentes aos alunos. Abaixo encontram-se exemplos desses “desafios”, retirados do Diário de Classe da professora Naira.

Colocarei os crachás deles em duas mesas juntas para que cada um procure o seu nome. Os nomes que sobrarem serão dos colegas que não compareceram à aula. Cada um dirá a letra inicial e final do seu nome.
Em ordem alfabética, um colega tem que chamar o outro (Tem alguém com a letra “A” inicial de seu nome? Agora você tem que achar alguém que tenha a letra “B” ou “C!”).
Eu sorteio uma letra do alfabeto, e a criança que possuir essa letra como a inicial de seu nome, pega seu crachá.
Eu sortearé duas crianças, para cada uma pegar o crachá da outra.
Uma menina, escolhida através de sorteio, deve achar o crachá de um menino.
O aluno sorteado por mim deverá pegar o crachá de outro aluno, também sorteado.
O aluno deverá escolher um colega que ele saiba dizer qual é a letra inicial e final do nome.
O aluno deverá pegar o nome que possui a sílaba inicial sorteada por mim.
Pedirei que a criança sorteada pegue o crachá que possui mais letras entre os que estão na mesa.

Essas propostas tinham como objetivo que cada aluno identificasse seu próprio nome e, em longo prazo, o dos colegas também. Ainda, a professora objetivava que os alunos aprendessem as letras e os sons dessas letras que compunham os nomes. Sendo assim, o trabalho com o nome das crianças foi extremamente válido para a turma da professora Naira, visto que “associar letras a nomes que lhe são significativos constitui o caminho inicial para o reconhecimento, tanto morfológico como sonoro, das letras.” (GROSSI, 1990, p. 37). Ainda, a professora objetivava que seus alunos avançassem em suas hipóteses de alfabetização, e o fez a partir de diferentes estímulos, conforme explicitado acima. Acerca disso, pode-se afirmar que “é preciso lançar propostas que os desafiem, de forma que possam avançar em suas hipóteses, questionando o que eles já sabem” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 47).

De acordo com um dos escritos da professora Naira:



A chamada diferente tem sido um dos momentos mais esperados pela turma; até acho engraçado como eles esperam por este momento, e como cada aluno quer ser sempre o primeiro a ser chamado para achar o crachá de outro amigo. O que antes era muito difícil, achar um amigo apenas pela letra inicial, foi se tornando mais fácil, e prazeroso.

Figura 15 - Excerto do Diário de Classe da professora Naira

Esse tipo de atividade resulta no desenvolvimento da capacidade individual, de cada criança, de reconhecer (ler globalmente) o seu nome e o de seus colegas, o que facilita a rotina e a organização da sala de aula. Conforme Piccoli e Camini (2012, p.92) afirmam,

(...) na rotina do trabalho pedagógico, a funcionalidade da escrita está presente a partir da utilização do nome próprio para a organização da turma, por exemplo: nas atividades de chamada, na identificação das produções das crianças que são expostas, na definição dos ajudantes do dia.

Essa atividade da Chamada, proposta pela professora Naira, possibilitou, segundo ela, a facilitação do processo de reconhecimento e de leitura dos nomes próprios dos alunos. Como era realizada todos os dias, tomou uma importância

significativa na rotina da sala de aula, acarretando num entendimento, pelos alunos, da necessidade e da urgência de se aprender os nomes que constituíam a turma:

As crianças falam da sua letra, isto é, da letra do seu nome (referindo-se à sua inicial) e passam por um período em que pensam ser essa letra só sua, a sua identidade. Descobrir que há outras pessoas, cujos nomes iniciam por ela, também é um momento não só importante mas que exige renúncia. (GROSSI, 1990, p. 37).

### 3.3 ATIVIDADES DE ORGANIZAÇÃO DA ROTINA

As três atividades permanentes que compõem esse eixo de análise dizem respeito às estratégias de três professoras para a organização do trabalho pedagógico. Essas estratégias, que ocorriam de maneira constante, auxiliavam no funcionamento da rotina na sala de aula, oportunizando, assim, uma regularidade na execução das propostas.

#### **Calendário**

O Calendário foi uma atividade permanente utilizada na turma da professora Jenifer com o intuito de que os alunos reconhecessem os números e se dessem conta de que, num calendário, os mesmos possuem uma sequência numérica específica (de um a trinta e um). Confeccionado pela própria professora, esse instrumento era utilizado todos os dias, contemplando a participação de dois alunos: um para marcar a data e outro para marcar como estava o clima daquele dia (ensolarado, nublado, chuvoso...).

A professora ressaltou, em entrevista, que o Calendário, utilizado de forma permanente, apresentou aspectos positivos para a aprendizagem dos alunos:

Eu vi que, aos poucos, foi tendo um avanço na sequência numérica do um ao trinta e um: eles conseguiram identificar. E também entender a progressão, que os dias passam...



Figura 16 - Foto do Calendário da professora Jenifer

A partir dessa atividade permanente, a professora Jenifer alcançou o objetivo de que seus alunos entendessem que o calendário é uma progressão de dias, além de compreenderem os números até a quantidade trinta e um. Isso só foi possível pelo trabalho constante, que ocorreu todos os dias, numa construção do conhecimento conjunta com os alunos. Ainda, conseguiu que a atividade estimulasse a oralidade, a leitura e a escrita de seus alunos, visto que os mesmos tinham de ler e apresentar as modificações feitas e, após, representar as mesmas nos cadernos.

Embora se repetisse todos os dias, é importante ressaltar que a atividade, em momento nenhum, tornou-se custosa ou pesada para as crianças, visto que a professora, na maioria das vezes, orientava a realização da mesma de maneiras diferentes: solicitava a participação de alunos diferenciados, fazia indagações diversas, entre outras estratégias. Acerca disso, no documento “Planejamento do ensino na perspectiva da diversidade” do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, ressalta-se que:

As atividades permanentes podem favorecer, na escola, a criação de certas rotinas que, embora impliquem na repetição de um determinado procedimento didático, não são enfadonhas, nem cansativas, pois há mudanças na permanência: os textos são diferentes, os diálogos são diferentes, as formas de mediação são diferentes. (BRASIL, 2012a, p. 21).

Essa permanência do Calendário (uma rotina na sala de aula) demonstra diversos aspectos positivos no trabalho pedagógico realizado com os alunos. Entre eles, no documento “Planejamento e organização da rotina na alfabetização” salienta-se que, para os alunos no início da escolarização, a rotina auxilia na construção da estabilidade e da confiança, visto que a mesma, por si só, já é formativa (BRASIL, 2012b, p. 13).

### **Escolha dos Ajudantes**

Essa atividade permanente permeou a sala de aula da professora Naira, ocorrendo sempre uma vez por semana. Naira, observando o desejo constante de seus alunos em ajudá-la, optou por realizar a escolha dos ajudantes sempre nas quintas-feiras, e esses ajudantes seriam os responsáveis por determinadas atribuições na semana seguinte. Essa escolha era feita em grupo, durante uma roda de conversa, e sempre era escolhido um menino e uma menina, a fim de que o espírito de liderança fosse incentivado entre as crianças.

A escolha acontecia, também, pelo comportamento da turma. Eu não sorteava alunos. A gente fazia uma roda de conversa e, juntos, nós chegávamos à conclusão de qual criança seria a líder.

É importante ressaltar, ainda, que essa escolha levava em conta também aspectos comportamentais das crianças, o que era discutido na roda de conversa, considerando a opinião de todos os alunos. Essa escolha só se realizou em função da organização, por parte da professora Naira, do trabalho pedagógico com a turma, o que destacam Piccoli e Camini no excerto abaixo:

Estratégias pedagógicas, por mais que sejam bem planejadas e que contenham um arsenal de materiais interessantes, podem ir por água abaixo se a turma não tiver uma rotina organizada e construído um certo funcionamento de grupo. Uma rotina estável organiza os tempos da turma, considerando os tempos da escola. (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 48).

Outro aspecto importante dessa atividade, que merece destaque, é a exploração da oralidade dos alunos, pois a professora Naira estimulava a fala e a participação dos alunos nas rodas de conversa. Pedia para que cada criança desse a sua opinião e, ainda, buscava subsídios nas falas dos outros alunos a fim de incentivar o apoio e/ou a discordância acerca dessas opiniões.

## Retomada das Aprendizagens

Essa atividade, predominantemente pautada na oralidade dos alunos, ocorria sempre nas segundas-feiras na turma da professora Carolina. Nela, a estagiária questionava os alunos acerca das aprendizagens obtidas na semana anterior e as registrava no quadro. Segundo ela, muito revisavam os cadernos (especificamente os roteiros diários) para lembrar o que haviam discutido naquele período passado.

Quando questionada sobre os motivos dessa atividade ter sido escolhida como permanente, a estagiária afirma:

(...) porque, a partir daí, eu pude ver essas atividades permanentes e as outras atividades que não eram permanentes, se elas foram significativas.

No último dia de estágio, a professora retomou todas as aprendizagens do período da docência, e recebeu como resposta as seguintes afirmações:

Durante o relato oral das aprendizagens, os alunos me disseram que aprenderam o seguinte:

- Sobre o Sol e a Lua.
- Matemática.
- Não brigar e não colocar apelidos ruins.
- Escrever emendado.
- Respeitar os colegas.
- Ouvir as professoras.
- Não atrasar os temas e não entregá-los amassados.
- Manter a sala arrumada.
- Conviver com os colegas (esta fala foi relacionada principalmente aos trabalhos em grupos).
- Respeitar as diferenças.
- Ler rótulo, música, parlenda, notícia, carta, encarte e receita.

Figura 17 - Excerto do Diário de Classe da professora Carolina

Ainda, é importante ressaltar a forma como essas aprendizagens foram mencionadas pelos alunos:

Não vou te dizer que no final eu os tive relatando as aprendizagens de forma profunda, complexa porque era uma coisa relativamente nova para eles. Aprendizagem também é uma coisa abstrata, não é uma coisa concreta. Mas eles conseguiram relatar coisas que me deixaram bem satisfeita pela relação com o meu projeto da convivência.

O registro das falas dos alunos era realizado no quadro, pela professora, a fim de que os mesmos pudessem visualizar o que estavam explicitando para Carolina. Acerca dessa maneira de conduzir o trabalho pedagógico, isto é, a partir do registro escrito, pode-se dizer que há a possibilidade de utilizá-la em outros momentos, tais como ressaltam as seguintes autoras quando afirmam que

O registro no quadro do roteiro diário de atividades ou dos passos a serem seguidos pelas crianças para a realização de alguma proposta pedagógica são situações em que a escrita e a leitura estão em uso com um fim explícito. (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 92).

### 3.4 ATIVIDADES DE FRUIÇÃO

No presente eixo de análise, apresentam-se cinco atividades permanentes que fizeram parte das práticas pedagógicas de diversas professoras e que serviam, principalmente, para que os alunos sentissem prazer durante suas realizações.

#### **Caixa da Novidade**

A Caixa da Novidade foi levada pela professora Maria Luiza para a sala de aula com o objetivo de estimular a leitura dos alunos. Realizada uma vez por semana, a Caixa da Novidade chegava à sala e não podia ser aberta, o que deixava as crianças inquietas e ansiosas. Somente no momento dedicado à abertura da Caixa é que o ajudante sanava a vontade dos colegas e mostrava o que havia ali: curiosidades.

Após a abertura, os alunos eram convidados a ler o que estava dentro da Caixa (que era sempre alguma novidade relacionada com o Projeto em andamento, que era sobre Meio Ambiente) e, sempre que essa leitura e as devidas intervenções eram feitas, uma atividade diferente acontecia. Como exemplo, pode-se citar a Caixa da Novidade sobre os passarinhos. Dentro da caixa, havia um pequeno texto que explicava porque os passarinhos não levam choque quando pousam nos fios e, ainda, um passo a passo de uma dobradura de passarinho. Realizada a leitura, todos os alunos receberam folhas para confeccionar os passarinhos, o que os deixou muito animados. Ressaltando esse caráter de motivação acerca da leitura

fruição, pode-se afirmar que oportunizar às crianças, em sala de aula, um espaço que disponha de diferentes suportes e gêneros textuais

(...) é uma condição essencial para favorecer o acesso à língua escrita e para motivar o desejo de aprender a ler. O espaço da sala de aula deve refletir essa imersão induzida no mundo da escrita, sendo atrativo e bem organizado, para que os alunos possam movimentar-se com segurança. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 145).



Figura 18 - Exemplo do material da Caixa da Novidade da professora Maria Luiza

### Hora da Curiosidade

A Hora da Curiosidade surgiu na turma da professora Anita pela percepção de que os alunos eram muito curiosos, gostavam de coisas diferentes e, ainda, pelo desejo dela em fazer com que o último momento da aula de quinta-feira se prorrogasse por mais tempo.

De acordo com Anita,

O objetivo principal dessa atividade, em contexto pedagógico, era justamente trazer algo diferente, trazer assuntos novos, trabalhar essa questão da criatividade com eles, de não ser algo de copiar, de ler. Seria algo que fosse um momento diferente, mas que eles estivessem aprendendo também.

A partir disso, a professora passou a utilizar a Hora da Curiosidade em sua sala de aula. A caixa da Hora da Curiosidade vinha, sempre, com algum cartaz ou pôster sobre o assunto a ser tratado na roda de conversa e com algum doce para os alunos.



Figura 19 - Caixa da Hora da Curiosidade da professora Anita

As atividades acima descritas possuem em comum o objetivo de estimular a curiosidade dos alunos. Através dessa estratégia, as professoras Anita e Maria Luiza buscaram que as crianças avançassem em suas hipóteses de leitura e de escrita, de uma maneira indireta, isto é, sem ser uma atividade usualmente realizada na sala de aula. Quanto a isso, cabe mencionar que

(...) a escola continua apostando no quadro-negro atrás do professor e em um tempo enorme despendido na cópia de atividades, tempo que poderia ser mais bem aproveitado para raciocinar sobre o que de fato é objeto de aprendizagem da criança em uma classe que a expectativa é a alfabetização. (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 14).

Desse modo, os alunos se mostraram estimulados a participar da realização da atividade, se propondo a ler e a explicar as curiosidades e novidades que chegavam às salas de aula. É importante destacar, ainda, o caráter de surpresa dado a essa prática, que instigava a curiosidade e a vontade de participar de todos.

### **Dados da Alegria**

Essa atividade, inventada pela professora Anita a fim de aproveitar os últimos instantes das aulas e de estimular a participação de seus alunos, acontecia uma vez por semana. Os Dados da Alegria constituíam-se de dois dados grandes. Em um dos dados, nas faces deste, havia os participantes da brincadeira: uma menina, um menino, uma menina e dois meninos, entre outras combinações. Já no outro dado, que possuía faces removíveis, havia a instrução do que fazer: pagar uma prenda.

Os Dados também foram utilizados pela professora para estimular a resolução de adições, de modo que o dado removível continha números e era jogado duas vezes. Os dois números sorteados eram somados pela turma. Ainda, cabe ressaltar que, às vezes, o dado possuía letras e, ao ser sorteada uma das letras, a criança necessitava escrever, da sua maneira, uma palavra que iniciasse com aquela letra. Essa atividade propunha o desenvolvimento da consciência fonêmica, caracterizada como a “habilidade de reconhecimento e manipulação dos fonemas – as menores unidades sonoras da língua” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 112), visto que solicitava que o aluno refletisse sobre o som da letra para que escrevesse determinada palavra.

Conforme afirmou em entrevista,

Eu queria fazer um momento “light” nos últimos quinze minutos da aula e, por fim, eu os achei muito propícios para trabalhar a questão da numeração, principalmente da soma.



Figura 20 - Dados da Alegria da professora Anita

### **O Rei Mandou**

Essa atividade, que surgiu a partir do desejo da professora Anita e da necessidade de seus alunos de retomar a história Bichodário, escrito por Telma Guimarães, acontecia uma vez por semana na respectiva sala de aula. Anita confeccionou um fantoche de Rei, que possuía um bolso na sua roupa. Ao iniciar a brincadeira, ela dizia “O Rei mandou imitar...” e sorteava uma das fichas que

estavam dentro do bolso do fantoche. Obviamente, como essa atividade era para a retomada do livro mencionado anteriormente, todas as fichas possuíam relação com o mesmo. Sendo assim, as fichas continham as seguintes informações, por exemplo: “Cabra comilona”, “Baleia bonita”, “Girafa galopando”, entre outros animais.

Quando questionada acerca da função dessa atividade permanente, a professora afirmou:

Para rememorar o Bichodário. O Rei Mandou foi especialmente para o Bichodário. A função era imitar o movimento e o som do bicho.

Ambas as atividades anteriores (Dados da Alegria e O Rei mandou) ocorriam num momento específico da aula da professora Anita: os instantes finais de cada dia. Acerca disso, ressalta-se que

(...) a professora precisa ter cartas na manga para aqueles minutinhos que restam da aula em que não é possível iniciar um novo trabalho, mas que não devem ser desperdiçados, tendo em visto que podem ser aproveitados em direção do objetivo de alfabetizar. (PICCOLI; CAMINI, 2012, p.48-49).

As atividades possuíam, sempre, um objetivo específico, que servia de apoio ao objetivo maior: alfabetizar. Assim, eram utilizadas nos minutos finais da aula, mas nem por isso eram caracterizadas como “sobra de tempo”. Ainda, torna-se necessário destacar a presença da leitura nessas atividades, pois ambas necessitavam de tal habilidade para que o jogo fosse executado.

### **Tema Maluco**

O Tema Maluco foi uma estratégia utilizada para que os alunos sentissem prazer e se empolgassem com a realização do tema de casa. O mesmo era enviado somente uma vez por semana, sempre em conjunto com outro tema de casa “comum”, ou seja, parecido com aquilo que os alunos levavam em outros dias da semana. Esse Tema Maluco era esperado pelos alunos, que já sabiam o dia que ele seria enviado, e era o que possuía mais adesão entre as tarefas que eram solicitadas para realização em casa.

É importante ressaltar que os Temas Malucos, na maioria das vezes em que foram enviados, não possuíam relação com a temática em estudo. Eles serviam,

principalmente, para estimular o prazer e encantar os alunos. Abaixo, podem-se observar alguns exemplos dos Temas Malucos enviados para a turma em questão:

<p><b>TEMA MALUCO</b></p> <p>Assistir a uma propaganda na TV. Anotar três palavras que você ouviu e fazer o desenho delas.</p>	<p><b>TEMA MALUCO</b></p> <p>Escrever o nome e cinco palavras da sua música preferida. Depois, fazer um desenho de você a dançando.</p>
<p><b>TEMA MALUCO</b></p> <p>Aprender uma piada curta para contar aos colegas amanhã.</p>	<p><b>TEMA MALUCO</b></p> <p>Desenhar e escrever o nome da comida que você mais gosta.</p>
<p><b>TEMA MALUCO</b></p> <p>Escrever e desenhar o que você fez no Feriado.</p>	<p><b>TEMA MALUCO</b></p> <p>Ensinar alguém a fazer a dobradura de borboleta.</p>

O Tema Maluco foi criado pela professora Maria Luiza com a intenção de diversificar o repertório de atividades realizadas na casa dos alunos. Como determinadas crianças não realizavam o tema “comum”, essa estratégia foi de grande utilidade para que fossem estimuladas a desenvolver a proposta, visto que era, na maioria das vezes, algo divertido e do interesse dos alunos. Cabe ressaltar a potencialidade da proposta, visto que a mesma foca, em conjunto, a oralidade, a leitura e a escrita, conforme o excerto a seguir, que ressalta que “ao planejar, é preciso equilibrar as diferentes práticas de linguagem, o que significa distribuir equitativamente práticas de leitura, de escrita e de oralidade.” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 119).

#### 4 TECENDO PERSPECTIVAS E RETOMANDO COSTURAS

Na tentativa de sintetizar aspectos relevantes da pesquisa realizada, retomo alguns dos múltiplos focos que estão envolvidos na ação de alfabetização, situados nos escritos de Piccoli e Camini (2012), que serviram como subsídios para a presente pesquisa. Para as autoras (e para mim também), é necessário que cada professor objetive, nas suas práticas pedagógicas, pôr em funcionamento três eixos fundamentais: propiciar atividades que contemplem oralidade, leitura e escrita, propor situações em que os alunos vivenciem a funcionalidade da escrita e promover atividades que explorem os aspectos linguísticos da alfabetização.

O primeiro eixo diz respeito à articulação das práticas de oralidade, leitura e escrita, que são utilizadas em prol do desenvolvimento da competência textual dos alunos, assim como muitas das atividades permanentes aqui apresentadas. Essa competência pode ser observada nas atividades que objetivam formar comportamentos de leitores e produtores de textos, tornando as crianças competentes para o trânsito na cultura escrita.

Já o segundo eixo, alusivo à funcionalidade da escrita, refere-se aos usos da leitura e da escrita nos mais diferentes espaços em que circulamos. Isto é, assinala, nas atividades permanentes descritas anteriormente, os motivos pelos quais lemos e escrevemos, além das competências necessárias para desenvolver a linguagem dos alunos (comunicativa, linguística, metalinguística e textual). É importante mencionar que a escrita não é utilizada sempre pelos mesmos motivos, e essas práticas de linguagem configuram-se como práticas sociais que variam culturalmente.

Por fim, o último eixo que deve estar presente nas práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores refere-se aos aspectos linguísticos da alfabetização, que devem dar ênfase à reflexão sobre a língua. Essa reflexão se faz a partir do desmembramento das competências acima citadas em outras competências (fonológica – silábica, de rimas e aliterações, fonêmica –, semântica, sintática, pragmática), que ressaltam as habilidades que necessitam ser articuladas em um planejamento que vise a alfabetização.

Após explanações acerca das operacionalidades das atividades permanentes em planejamentos de turmas de alfabetização e, ainda, dos usos e funções dessas nas práticas pedagógicas das professoras que foram sujeitos de pesquisa, torno a

defender o meu ponto de vista: considerando que as práticas pedagógicas de todas as professoras contemplavam a presença das atividades permanentes, destaco a potencialidade da presença dessa metodologia nas salas de aula de todo e qualquer professor, alfabetizador ou não. Entretanto, não basta somente planejar e ter atividades permanentes; o que importa, para o sujeito que queremos formar, são quais atividades são propostas e com que frequência são permanentes, dependendo do objetivo do professor.

Tendo em vista a positiva resposta dos alunos frente às atividades permanentes desenvolvidas, reflete-se a importância de elencá-las e utilizá-las cada vez mais. Como se pôde observar nas atividades permanentes que compõem o primeiro eixo de análise, volto a salientar que é necessário introduzir, nas nossas práticas, distintos gêneros textuais, numa abordagem que deve estar intrinsecamente relacionada aos usos sociais da língua. Já no segundo eixo, que diz respeito às atividades de alfabetização inicial, ressalto que todas as professoras destacaram a importância da permanência das mesmas, numa espécie de rotina. Acerca disso, Artur Morais (2012) destaca que

(...) a cada dia, de segunda a sexta-feira, nas salas de aula dos anos de alfabetização, é necessário que os alunos tenham atividades de reflexão sobre palavras voltadas ao aprendizado do SEA (ou, depois do primeiro ano, à aprendizagem da norma ortográfica), e que, também a cada dia, de segunda a sexta-feira, participem de atividades de leitura e/ou de produção de textos que não foram escritos para ensinar o SEA. (MORAIS, 2012, p.122).<sup>12</sup>

Ainda, como se pôde notar no terceiro eixo de análise, novamente ressalto a necessidade do estabelecimento de atividades que organizem a rotina em sala de aula. Por fim, no último eixo, elenco o caráter indispensável de práticas que abranjam a fruição, visto que as mesmas resultam num sentimento de prazer durante as suas realizações, as quais os alunos demonstram anseio frente à sua prática, o que incentiva, de certa maneira, a aprendizagem.

Sendo assim, torno a sustentar que toda e qualquer atividade permanente, principalmente as que foram explicitadas nos eixos acima, possuem potencialidade suficiente para serem utilizadas em diversos contextos. Em minha sala de aula, pude notar o envolvimento dos alunos durante o desenvolvimento de cada atividade

---

<sup>12</sup> SEA significa Sistema de Escrita Alfabética, e esta é uma sigla utilizada pelo autor Artur Gomes de Morais.

permanente, além do anseio e dos questionamentos acerca da realização das mesmas.

Pode-se afirmar, ainda, que as atividades permanentes descritas nesta pesquisa são diversas, visto que possuem múltiplos usos e funções, determinadas por inúmeras razões. Entre elas, destaca-se o contexto na qual estão inseridas, que diz respeito às características da turma, aos objetivos da prática pedagógica de cada professora, ao ambiente que compõe a sala de aula, entre outros aspectos.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

BRASIL. *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: planejamento do ensino na perspectiva da diversidade: educação do campo, unidade 02 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional*. – Brasília: MEC, SEB, 2012a. Disponível em: <http://www.geadas.com.br/pnaic/images/Pacto/Cadernos/Campo%20Unidade%2002-%20-%20Miolo.pdf#page=8>. Acesso em 07 set. 2013.

BRASIL. *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: planejamento e organização da rotina na alfabetização: ano 03, unidade 02 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional*. – Brasília: MEC, SEB, 2012b. Disponível em: <http://www.criciuma.sc.gov.br/site/upload/ckfinder/files/Unidade%2002%20Ano%2003%20VERDE%20%28Completo%29.pdf#page=6>. Acesso em 07 set. 2013.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

GROSSI, Esther Pillar. *Didática da Alfabetização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MORAIS, Artur Gomes de. *Sistema de escrita alfabética*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

NERY, Alfredina. Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da*

criança de seis anos de idade. Organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. *Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade*. Erechim: Edelbra, 2012.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

## APÊNDICE A

### Convite para participação na pesquisa

Queridas colegas!

Este e-mail é um convite e um pedido. Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), orientado pela Professora Luciana Piccoli, será sobre as atividades permanentes que permearam os planejamentos de vocês, que tinham turmas de 1º e 2º ano durante o estágio do 7º semestre em 2013/1. Para desenvolvê-lo, precisarei entrevistá-las e analisar seus diários de classe. Peço que, se possível, colaborem com a minha pesquisa, pois somente nove colegas desenvolveram suas práticas em turmas acima caracterizadas. Assim, aguardo por e-mail a confirmação do recebimento desta mensagem, e a posição de vocês frente ao meu convite, isto é, se aceitam participar da minha investigação.

Para aquelas que decidirem participar, deixo o convite à leitura do pequeno trecho abaixo, que explicita o conceito de “atividades permanentes/habituais” e fornece exemplos delas.

*As atividades habituais, que se reiteram de forma sistemática e previsível uma vez por semana, ou por quinzena, durante vários meses ou ao longo de todo o ano escolar, oferecem a oportunidade de interagir intensamente com um gênero determinado em cada ano da escolaridade e são particularmente apropriadas para comunicar certos aspectos do comportamento leitor.*

*Na 2ª série do ensino fundamental, por exemplo, uma atividade habitual que se costuma realizar é “a hora dos contadores de histórias”: as crianças se responsabilizam, de forma rotativa, por contar ou ler um conto que elas mesmas escolheram (orientadas pela professora) e cuja apresentação preparam previamente, de tal modo que se torne clara e compreensível para o auditório. A criança que assume o papel de “contador de história” deve cumprir certos procedimentos: explicar as razões que a levaram a escolher a história, conhecer alguns dados sobre a vida e a obra do autor, comentar com seus colegas os episódios ou personagens que lhe são atrativos (ou não). Terminada a leitura (ou o relato), os demais alunos podem intervir fazendo perguntas ou comentários. A discussão se generaliza: analisam-se as ações dos personagens, compara-se com outros contos conhecidos, são feitas apreciações sobre a qualidade do que se acaba de ler...*

*Em outras séries, a atividade habitual costuma centrar-se em outros gêneros: pode tratar-se do comentário de “curiosidades científicas” – e preparar-se para responder às inquietações que as crianças apresentam sobre o funcionamento da natureza e a intensificar seu contato com o discurso informativo-científico – ou da leitura de notícias, atividade dirigida a formar leitores críticos dos meios de comunicação.*

*As atividades habituais também são adequadas para cumprir outro objetivo didático: o de favorecer a aproximação das crianças a textos que não abordariam por si mesmas por causa de sua extensão. Ler cada semana um capítulo de um romance é uma atividade que costuma ser frutífera nesse sentido. A leitura é compartilhada: a professora e os alunos leem alternadamente em voz alta; escolhe-se um romance de aventuras ou de suspense que possa captar o interesse das crianças e se interrompe a leitura em pontos estratégicos, para criar expectativa. Algumas crianças – nem sempre as mesmas – se interessam tanto que conseguem o livro para continuar lendo em casa e depois contam a seus colegas os capítulos que já leram para que a leitura compartilhada possa avançar.*

*A forma como se distribui o tempo de aula representa a importância que se atribui aos diferentes conteúdos. Ao destinar momentos específicos e preestabelecidos que serão sistematicamente dedicados à leitura, comunica-se às crianças que ela é uma atividade muito valorizada. Este é um dos benefícios que as atividades habituais proporcionam.*

*LERNER, Delia. Ler e aprender na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.*

## APÊNDICE B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso:

#### ATIVIDADES PERMANENTES EM PLANEJAMENTOS DE TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso e tem como objetivo identificar as atividades permanentes presentes em planejamentos de 1º e 2º anos, desenvolvidos por alunas do curso de Pedagogia durante o estágio obrigatório realizado em escolas públicas situadas no município de Porto Alegre no primeiro semestre do ano de 2013, e analisar seus usos e funções nas práticas pedagógicas dessas professoras/estagiárias.

Para isso, serão realizados dois encontros com cada aluna, nos quais as atividades permanentes estarão em foco a partir da apresentação e análise dos respectivos Diários de Classe, elaborados durante o estágio obrigatório. Tanto trechos das entrevistas transcritas quanto imagens das produções presentes nos Diários de Classe poderão ser apresentados no Trabalho de Conclusão de Curso.

Você está convidado(a) a participar deste estudo. Assim, sua autorização é solicitada para que a pesquisadora responsável pela investigação – Marina Quadrado Salva – possa realizar este estudo. Sua participação envolve duas entrevistas que serão gravadas, se assim você permitir. Os dados e resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome do(a) participante e nem apresentada sua voz em apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, sendo, assim, garantida a privacidade e a confidencialidade das informações. Todo o desenvolvimento do trabalho será orientado pela Profa. Dra. Luciana Piccoli e seu destino final será uma Monografia de Conclusão de Curso, que ficará à disposição para a consulta pública na biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS.

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre os objetivos da pesquisa acima descrita e concordo em participar da mesma.

Caso houver novas perguntas sobre este estudo, é possível entrar em contato com a pesquisadora Marina Quadrado Salva através do telefone \_\_\_\_\_ ou com sua orientadora Profa. Dra. Luciana Piccoli, na Faculdade de Educação, pelo telefone \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Marina Quadrado Salva

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Professora Orientadora Luciana Piccoli

Porto Alegre, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_